



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-070-4
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA

Denise Moreira Santana

Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Universidade de Brasília - DF

Nathália Coelho da Silva

Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Universidade de Brasília - DF

RESUMO: O presente trabalho tem como o objetivo criar um paralelo entre o conto *Velório* de Luiz Vilela, e as narrativas ficcionais *A morte de Artemio Cruz*, de Carlos Fuentes, e *Uma Duas*, de Eliane Brum, todos os livros trabalhados dentro da perspectiva teórica da Epistemologia do romance. A ideia é refletir sobre o aspecto que parece interligar os três textos: a (in)dignidade da morte humana. A banalização da dor e do sofrimento, o corpo como objeto de descarte e a contraditória inutilidade da vida como pontos de intersecção. A filosofia nietzschiana ajuda-nos na compreensão da condição humana de “olhar para a morte” em Vilela, e a Epistemologia do romance perpassa os caminhos de Fuentes e Brum em desejos justapostos, os três dão sinais de possibilidade de análise comparativa partindo do ambiente estético-filosófico de compreensão da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Luiz Vilela; Eliane Brum; Carlos Fuentes; Morte.

ABSTRACT: The present work has the objective of creating a parallel between the *Velório* story by Luiz Vilela and the fictional narratives *The Death of Artemio Cruz* by Carlos Fuentes and *Uma Dois* by Eliane Brum, all the books worked within the theoretical perspective of Epistemology of romance. The idea is to reflect on the aspect that seems to interconnect the three texts: the (in) dignity of human death. The banalization of pain and suffering, the body as the object of discard and the contradictory uselessness of life as points of intersection. Nietzsche's philosophy helps us to understand the human condition of “looking at death” in Vilela, and the Epistemology of the novel runs through the paths of Fuentes and Brum in juxtaposed desires, the three give signs of the possibility of comparative analysis starting from the aesthetic environment -philosophical understanding of death.

of creating a parallel between the *Velório* story by Luiz Vilela and the fictional narratives *The Death of Artemio Cruz* by Carlos Fuentes and *Uma Dois* by Eliane Brum, all the books worked within the theoretical perspective of Epistemology of romance. The idea is to reflect on the aspect that seems to interconnect the three texts: the (in) dignity of human death. The banalization of pain and suffering, the body as the object of discard and the contradictory uselessness of life as points of intersection. Nietzsche's philosophy helps us to understand the human condition of “looking at death” in Vilela, and the Epistemology of the novel runs through the paths of Fuentes and Brum in juxtaposed desires, the three give signs of the possibility of comparative analysis starting from the aesthetic environment -philosophical understanding of death.

KEYWORDS: Luiz Vilela; Eliane Brum; Carlos Fuentes; Death.

1 | INTRODUÇÃO

A escolha do conto de Luiz Vilela ocorreu pela carga emotiva oferecida. Embora traga como eixo a *morte* – temática da condição humana de difícil digestão – o faz com leveza e humor. Neste sentido, encontramos nesta narrativa supostamente despretensiosa uma ligação com a filosofia de Nietzsche, num

exercício textual de aproximação e afastamento de outros dois objetos literários, analisados, por sua vez, a partir da prática da literatura comparada dentro da condição investigativa da Epistemologia do romance.

Conforme escrito por Wilton Barroso Filho e Maria Veralice Barroso no artigo *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário*, e publicado em 2015, a “Epistemologia do Romance pode ser compreendida como um estudo teórico que procura legitimar o texto literário romanesco enquanto espaço possibilitador de conhecimentos acerca da existência.” Para tal empreitada, utiliza-se das disciplinas filosóficas da Estética, Epistemologia e Hermenêutica para a análise do romance. Entende-se a narrativa como um campo “arqueológico” no qual a busca se dá pelo seu fundamento. (BARROSO e BARROSO FILHO, 2015, p. 1-3)

Os objetos literários mencionados pertencem a autores díspares, mas ao mesmo tempo afins porque podem se entrecruzar no espaço da arte literária. Unimos os textos de Carlos Fuentes e Eliane Brum para a análise comparativa entre três escritas. Vilela e os autores citados nos oferecem a possibilidade de aproximação de espaços geográficos do México e do Brasil, e de espaços temporais dos anos 60 para Carlos Fuentes e 2011, para Eliane Brum e Luiz Vilela.

Em suas obras literárias ao tratarem, cada um a seu modo, sobre a morte. Em *A morte de Artemio Cruz*, de Fuentes, observamos tal aspecto humano sob a perspectiva da sua antessala. Em *Uma/Duas*, de Eliane Brum, podemos vislumbrar a ideia do respeito à vontade e dignidade de morrer, numa passagem da vida para o fim. Em *Velório* de Luiz Vilela, verificamos a concretude da morte, o morto já dado como objeto. Assim, podemos entrecruzar os caminhos de três personagens: Artemio Cruz, Maria Lucia e Valico, respectivamente.

Dentro da análise comparativa das histórias, respeitando seus contextos, é possível compreender a morte. Inerente aos aspectos culturais, sociais ou financeiros, a contraditória inutilidade da vida; a banalização da dor e do sofrimento; e a do corpo como objeto de descarte são assuntos que emergem das três narrativas e alertam para um enfrentamento que extrapola o ambiente ficcional: o embate em relação a um tema tão delicado como este se dá no dia a dia, na fronteira realística de hospitais, de funerárias, das dores familiares pela perda de um ente e do ritual que o corpo sem *anima* nos demanda. Todavia, vale ressaltar que o extrapolamento supracitado torna-se plausível frente à possibilidade de se pensar o tema filosoficamente e dentro da literatura, vez que a literatura suporte muito maior carga de realidade que a própria realidade humana.

Desse modo, usaremos os personagens citados para refletir sobre o limiar da vida e como nós mesmos a julgamos. Em *A morte de Artemio Cruz*, a morte é vista sob a ótica do valor que o personagem dá a vida daqueles cuja destruição ocorreu para Artemio criar fortuna. Riqueza essa que de nada valeu no fim dos dias, pois apenas removeu – num processo de rememoração – sua má índole e reforçou seu

pseudo-poder de se sobrepor aos outros até o último minuto.

Em *Uma/Duas*, o câncer terminal de Maria Lúcia subverte o sentido de ambientes hospitalares – ambiente que suscita a dúvida de um lugar que promove a vida ou o derradeiro fim em sofrimento de seus pacientes? Ao invés de salvar, por práticas tidas como éticas, tanto o espaço quanto os médicos vão deteriorando o corpo e antecipam a morte. Brum reflete sobre a figura fria e distanciada dos profissionais da medicina. Num gesto objetivo, esses “doutores” impõem o controle sobre as vidas alheias com tubos, Unidades de Terapia Intensiva e manutenção de aparelhos, promovendo assim, uma “não vida” aos pacientes.

Outro ponto importante em *Uma/Duas* é que a filha de Maria Lúcia, Laura, ao narrar o matricídio cometido por ela, inverte a lógica contemporânea da morte: e mata para dar à mãe a dignidade do fim da vida, o sentimento ético que está em jogo é visto pela decisão do paciente e não mais da sociedade positivada pela vida a qualquer custo.

Já no conto de Luiz Vilela, observamos Valico morto e esperando decrépito sobre uma mesa o seu caixão para baixar a sua tumba. O personagem torna-se um incômodo para familiares e amigos quando não conseguem enterrá-lo. O que a princípio era dor e sofrimento, com o lapso temporal, transforma-se numa banalização da própria coisa. E ninguém mais se importa com a pessoa que já não está ali. Só se importa com o corpo que fede, porque fede e incomoda pelo odor da carne, de um espírito tão bom e amigo.

Os três contextos parecem dar-nos abertura para compreender o ser humano como um sujeito contraditório, que oscila entre a ganância, o amor, a amizade, permeado pelo pensamento confuso e vulnerável diante do fim da vida. É este sujeito que, à luz da concepção da estética de Hegel (1770-1831) de um mundo complexo, pensa por conflito, o filósofo conduz o nosso olhar discursivo. Ele é o responsável por evocar os estudos epistemológicos sobre o problema, que valida o olhar do leitor pesquisador sobre o seu objeto, a literatura.

Assim, este olhar sobre a morte perpassado pelos três textos traz, num primeiro momento, o questionamento kantiano *O que eu posso saber?* E nos dá suporte para vislumbrar esses vazios para os quais a filosofia – num a *priori* abstrato - aponta a moral e a ética como valores possíveis de compreensão da morte.

2 | ACERCA DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

Os pilares da Epistemologia do romance utilizados para entender a obra são: o histórico, o estético e o hermenêutico. Um depende do outro, ou seja, estes pilares se inter-relacionam e nos auxiliam na decomposição da obra. O espaço do romance é uma abertura para o que não foi dito no cotidiano. A preocupação aqui não é a aderir ou não as ideias do texto, mas pensar a partir dele, livre de julgamento moral

externo à obra.

Para compreender o modo como a Epistemologia do romance opera na análise da narrativa romanesca é necessário ter em mente que romances são compreendidos como ambientes passíveis de estudo do sujeito. Sujeito complexo, pois nasceu dentro da perspectiva da modernidade.

[...] Pois é ali que, segundo Foucault, nasce efetivamente o homem (2007). O homem que começa a pensar a partir de si e não mais a partir das leis divinas, que se vê autônomo e não mais atrelado ao universo, aos domínios celestiais. É a partir daí também que a totalidade já presente no mundo grego e reforçada pelas instituições medievais começa a ser fracionada pelas ações científicas. (BARROSO e BARROSO FILHO, 2015, p. 9)

Assim, a arte literária revestida pela despretensão de verdade suscitada pela ficção, abre um espaço poderoso para pensar aspectos da vida humana que só podem ser ditos e revelados no texto romanesco. Milan Kundera, em *A arte do romance*, vai dizer que “cada romance diz ao leitor: as coisas são mais complicadas do que você pensa” (KUNDERA, 2009, p. 24). Portanto, diz-se que o romance revela aquilo que todos nós vivemos, mas ninguém tem coragem de falar, sobretudo, acerca de nós mesmos.

O autor trabalha o texto e levanta problemas que nos chocam, mas não com o intuito de achar uma solução, mas para levantar a polêmica. Cabe ao leitor atento verificar em que condições isso se dá. Ou seja, só poderemos descobrir estas complicações em Vilela, por exemplo, se fizermos o exercício de olhar demoradamente para o objeto, com o intuito de desmontá-lo e retornar – dentro da interpretação legitimada pela hermenêutica – ao processo criativo do autor. Reiterando sempre, nesta atividade intelectual, que não se busca uma única verdade no texto, mas infinitas, que emergirão da pesquisa pela relação do leitor com a obra.

Pensar a morte dentro das obras escolhidas e a partir da Epistemologia do romance é buscar elementos na ação da narrativa que podem ser compreendidos se levados em consideração com a relação do autor com o tempo e o mundo em que vive. Portanto, falar sobre a banalização da morte em *A morte de Artemio Cruz*, *Uma/ Duas*, e *Velório* é pensar como o fim derradeiro da vida assola o sujeito do hoje.

3 | SOBRE A FILOSOFIA DE NIETZSCHE

Os conceitos encontrados na filosofia possuem poder de reflexão na literatura porque são retratos da condição humana e é possível afirmar que a morte está presente não só quando chega de fato, mas quando perpassa em ideia toda a vida humana. Nos casos analisados, vida exposta pela objetificação de personagens.

Ao lermos sobre os pensamentos de Nietzsche verificamos que ele aponta para uma valorização da vida, daí um sentido dionisíaco, princípio de uma afirmação

incondicional da vida como fio condutor a orientar o nosso pensamento criador. Para ele, o homem precisa encontrar uma vontade de potência que o modifique e faça enxergar significado no viver. A filosofia nietzschiana também retrata um esvaziamento geral de sentido para a arte, para a ciência, para a política. O homem moderno reduz o sentido do humano para formas contidas e limitadas, menores e decrescentes. E coloca em Deus todas as suas culpas e esperanças, todo o sentido do viver. O niilismo transfere para Deus a salvação do “eu”:

A única forma de salvar o homem, o único caminho para voltar a justificar a vida e dar-lhe uma direção ascendente, seria a instauração de um novo ideal, de novos valores, no interior de uma interpretação inteiramente nova do mundo. Seria necessário, em termos nietzschianos, efetuar uma completa transvaloração de todos os valores” (MATTOS, 2010, p.75)

Nas três narrativas, posta a morte como a vontade de potência para a mudança - seja dentro da lógica da sua própria negação, banalização ou aceitação - é possível pensá-la nesta fronteira do nada e do tudo, do esvaziamento de sentido e do novo preencher-se. Todas as narrativas aparentam mostrar, em seus contextos, o homem encarando a morte – mesmo que de forma negligente - enquanto detentor de poder.

Ora, se por meio da filosofia de Nietzsche, exemplificado sob o edifício estético, podemos refletir sobre aspectos da morte, enquanto fronteira que leva o sujeito a encarar a si mesmo entre o nada e o tudo, e se ver, no limiar de um e de outro, vulnerável e ao mesmo tempo *poderosos*. Os estudos estéticos, epistemológicos e hermenêuticos aplicados nestes livros também nos fazem compreender, ainda que por outros caminhos, fatos semelhantes acerca da morte. É daí que nasce a possibilidade da arte literária enquanto campo do conhecimento humano, que, outrora explorado pela filosofia em pensamentos abstratos, se veem retratados na literatura em histórias de infinitos arcabouços estéticos.

O romance de Fuentes se apodera do tom Nietzschiano quando os cálculos utilitários de Artemio Cruz o impedem de pensar em seus semelhantes. Por sua vez, na obra *Uma/Duas*, Laura, que estava há muito desligada da mãe e sofrendo da doença do homem moderno - o sentido nulo da vida – vê, diante da morte materna, a possibilidade de reverberar novos sentidos para a própria existência. Também o papel da ciência revestida pela figura do médico, que dita, numa hipotética e falsa ideia de controle do humano, a possibilidade de ser detentora da vida e da morte. Ou a própria figura da personagem secundária, a Alzira do Centro Espírita, que parece refletir o poder da religião, no caso o espiritismo, de se apoderar do discurso acerca do morrer humano. Ou no conto de Luiz Vilela, quando Valico, deixado sobre uma mesa a espera de um caixão, já foi esquecido antes mesmo de ser enterrado.

4 | ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS

A ideia da morte enquanto algo que assombra toda uma vida pode ser retratada quando justapostos os livros de análise neste artigo. Fuentes reflete sobre a morte em sua antessala: já no derradeiro fim, Artemio Cruz faz uma retrospectiva sobre sua condição de sujeito que lutou pela vida a todo e qualquer custo. Já Eliane Brum pensa a fronteira do viver e morrer: Maria Lúcia, diante do espectro de uma doença terminal, num ato de subverter a lógica da vida, decide-se pela eutanásia, porque não haveria vida do modo como os médicos queriam salvá-la. Por sua vez, Vilela nos dá a morte já concretizada, na figura de um morto que é maior que um caixão e se transforma em um incômodo funerário de um corpo.

A morte de Artemio Cruz é um romance mexicano publicado em 1962 e tem como pano de fundo a revolução ocorrida no México em 1913, escolheu-se fazer aqui um recorte dos momentos iniciais da obra, a partir do momento em que o personagem sofre um infarto intestinal (infarto do mesentério) que tarda a ser detectado pelos médicos. Através de um discurso narrativo uno e trino - eu, tu, ele - a figura de um homem à beira da morte faz uma retrospectiva de sua vida, um homem de carne e osso com uma história pessoal única que também é retrato de uma sociedade, de um drama nacional. Artemio é um homem que triunfa e sobrevive à custa da exploração e escravização de seus semelhantes, ele se revela abominável. Em seu delírio no leito de morte ele é total e profundamente humano, o modelo trágico da dialética humana de viver para morrer.

Artemio sente a satisfação de mesmo à beira da morte controlar a surpresa sobre o seu testamento, sobre sua herança, sobre como seria dividida a sua fortuna, esse sujeito mesquinho não se dobra a violência de sua morte, as dores que sente em seu corpo, as amarguras de suas lembranças.

Não lhe permitas o ócio de uma explicação. Sê fiel ao que sempre aparentaste; sê fiel até o fim. Olha aprende com tua filha. Teresa. Nossa filha. Que difícil! Que pronome inútil! Nossa. Ela não finge. Não tem nada a dizer. Olha-a. Sentada com as mãos e o vestido negro esperando. Ela não finge. Antes, longe de mim, terá dito: "Tomara que tudo acabe logo. Pois ele é capaz de estar fingindo de doente para mortificar-nos". Deve ter dito algo assim. Escutei uma coisa parecida quando acordei esta manhã desse sono comprido e tranquilo. Lembro-me vagamente do sonífero, do calmante de ontem à noite. [...] (FUENTES, 1962, p.25)

O trecho demonstra que Artemio não tinha a menor ideia do que lhe estava acontecendo, mas pressentia que estava morrendo, e que a esposa e a filha o acompanhavam de perto, a esposa fingindo, a filha demonstrando seu mais puro sentimento. E o personagem segue pensando sobre sua morte, e o que mais lhe incomoda é o cheiro que exala seu corpo, a podridão de toda a sua vida se expande no ar para atestar o tipo de ser humano que se esvai.

[...] imagino-me em meu último momento, o caixão na cova e uma multidão de

mulheres choramingando e empoando os narizes sobre minha tumba. Bem, sinto-me melhor. Sentir-me-ia otimamente se este cheiro, o meu, não se desprendesse das pregas dos lençóis, se não percebesse essas manchas ridículas com que os tingi...

Quanto durará? Não me sinto tão mal agora. Talvez me recupere. Que golpe! Não é? Tratarei de fazer cara boa, para ver se aproveitam e esquecem esses gestos de afeto forçado e esvaziam o peito, pela última vez, dos argumentos e insultos que trazem atravessados na garganta, nos olhos, nessa humanidade sem atrativos em que as duas se converteram. (FUENTES, 1962, p.26)

Em *Uma/Duas*, a morte perpassa toda a narrativa. O livro conta a história conflituosa de uma filha, Laura e de uma mãe, Maria Lúcia, que, entre o amor e o ódio precisam conviver forçadamente pela doença da mãe. Laura é jornalista e decide começar a escrever um livro de ficção para tentar se arrancar do corpo da mãe, o qual entende a si mesmo como uma extensão. Além disso, tem um desejo gigantesco de ver Maria Lúcia morta e, por não poder matá-la no “mundo real”, se envereda para uma narrativa a fim de matá-la do modo como pode: com as palavras.

Assim, a ficção escrita por Laura é marcadamente permeada pela morte, como uma vontade de potência, diria Nietzsche, ou, dentro da perspectiva Schopenhauriana, o desejo latente de morte da mãe é a fagulha que a impulsiona à arte na tentativa de se livrar do sofrimento da vida regida pelo princípio da razão – dentro do espaço, tempo e sob uma causalidade. Para não morrer e matar a mãe, Laura decide-se pela palavra. E a palavra aqui se reveste como a busca de um possível idílio – mesmo que utópico – para enfim, livrar-se, nem que seja por um instante, do peso dos dias. Três vezes se levantam para contar a história: Laura, em 1ª Pessoa, Laura, em 3ª Pessoa (voz da ficção) e a própria Maria Lúcia que aparece para contar sua versão dos fatos.

Enquanto Laura em 1ª pessoa começa uma reflexão introspectiva sobre o próprio ato de escrever e sobre a sua relação com a mãe, a Laura inventada por ela ressalta as contradições do viver em sociedade. Uma dessas contradições é exatamente o modo como os médicos encaram a morte: de forma cartesiana, controladora, envolta do poder sobre o fim da vida alheia. Esse é um dos aspectos comparativos com Luiz Vilela. Enquanto em Vilela, há a visão de um corpo – objeto de descarte –, em Brum, este mesmo corpo, ainda no limiar da morte transforma-se também em objeto pelas mãos de um terceiro, que o compreende apenas como um espaço de experimentação. E, ao mesmo tempo que tenta legitimar por meio do discurso científico afinidade com a morte, a desconhece completamente porque não consegue controlá-la. As passagens seguintes podem ilustrar esta ideia:

Aquela médica não suporta a morte. Está lá, testemunhando o morrer e reeditando sua impotência dia após dia, mas tudo o que consegue é um disfarce que lhe custa muito manter. (BRUM, 2011, p. 41) De repente, ela quer proteger a mãe da miséria toda que a médica não tem como adivinhar, da miséria a que aqueles subdeuses de jaleco pretendem submetê-la. (BRUM, 2011, p. 127)

No entanto, para Laura, a morte, imbricada desde o nascimento, é mais íntima porque passa pela experiência dos sentidos. Aqui também a morte tem cheiro,

Sente o cheiro. E se lembra da mãe amontoada aos seus pés. A mãe não está mais ali. É colocada numa maca que ela não sabe de onde apareceu. Ela deveria poder descrever o cheiro, mas não pode. A mãe está morta há dias, ela pensa. Então a mãe diz, Laura. Naquela voz nova. O que você fez, mãe? E há um ódio que ela não queria mostrar na sua voz Laura. (BRUM, 2011, p.17)

O hospital, lugar inóspito, carrega consigo essa personificação de sujeitos objetos e abjetos e só é percebido por alguém que sente a morte em si: “Caminha pelos corredores com cheiro de SUS. Deve existir alguma lei que obriga os hospitais públicos a ter paredes com pintura descascadas e cadeiras quebradas, pensa. Esta decadência persistente com cheiro de morte, formol e perfume barato.” (BRUM, 2011, p. 18-19)

Se por um lado, em *Uma/Duas* vemos a ciência tentando controlar a morte, por outro, vemos também a figura religiosa da Alzira do Centro Espírita que parece afrontar Laura dentro da presunção de controle do para além da vida. Todavia, a filha de Maria Lúcia encara de forma irônica esta situação “Não, Alzira, os mortos não são assustadores. Os vivos, sim. Ah, Alzira, se você enxergasse os vivos, não teria essa sanidade como um troféu estampado em sua cara.” (BRUM, 2011, p.19)

O conto *Velório* trata sobre a estória do morto Valico. O texto narra a consideração que os amigos de truço demonstram pelo companheiro ao saberem de sua morte. Os amigos vão até a casa do morto e como a cidade é pequena, só existe uma funerária que prepara o caixão no momento que a encomenda chega, ou seja, depois que alguém já está morto. Mas este homem é maior que o *homem médio* e suas medidas são especiais, mas é claro que em uma cidade pequena as coisas funcionam lentamente e existe certa *inércia* para preparar o velório, o que, arrazoado pela Epistemologia do romance se apresenta como verdadeiro motivo de reflexão para o leitor do conto.

O tamanho do homem é o tamanho do problema que ele causa depois que morre. Este aspecto mostra o descaso e a desconsideração pelo morto, pelos amigos do morto e pela família do morto, que não sabe o que fazer com o corpo. Existe por parte da funerária a indiferença pelo outro, se desculpa dizendo que não tinham material, e a família fica de mãos atadas porque não existe a tal livre concorrência de mercado na cidade, e estão nas mãos de uma única funerária que lhes é indiferente, ineficiente.

_A questão, Penca, é que a briga não vai resolver nada, só pode piorar a coisa. Se ainda tivesse outra funerária aqui; mas só tem essa. Onde que nós iríamos arranjar outro caixão?

_ Mas, é um desaforo, concordo; um desaforo para com a memória do nosso amigo, a família, e nós também, afinal de contas. Um desaforo, isso não há dúvida. Mas o que se vai fazer? Brigar é que não adianta.

_ A gente pode deixar a briga pra depois – falou Nassim.

A sugestão do turco até que foi boa; deixou Penca mais calmo. E decidimos mesmo

esperar. A família do morto concordou; eles concordariam com qualquer coisa, já estava todo mundo passado, incapaz de refletir e tomar decisões. (VILELA, 197, p.82)

O escritor demonstrou ao narrar que a questão do tempo foi crucial para o desenrolar do conto. O fato é que o cansaço alcançaria a todos os que estavam esperando pelo caixão. Ele mostrou que os responsáveis pela funerária foram procrastinando a tomada de medidas para a realização do caixão e o único cemitério da cidade tinha hora para fechar e que mesmo com horário de verão, seria difícil terminarem o trabalho antes do anoitecer, e ali só se enterra um morto com clareza.

Outro aspecto interessante que maneja o autor é a exploração do pensamento do morto através do personagem narrador:

Não tinha mais ninguém chorando, as irmãs montadas nas poltronas, cada qual com a cara mais cansada que a outra. Eu não olhei para a cara do Valico, mas imagino que àquela altura até ele já devia estar com cara de cansado: “Poxa, não vão me enterrar mais não?”, devia estar pensando com os seus botões. Se o caixão continuasse demorando, aquele pessoal ia todo ferrado no sono ali, não precisava ser nenhum gênio para prever isso. Café, pra eles, não adiantava mais: ali era enterro ou cama. (VILELA, 1967, p.85)

O autor trabalha o lado cômico com espontaneidade e naturalidade, a comichão do conto tem a lógica da contrariedade entre os amigos, ou seja, defeitos que se toleram, quando um é mais solidário o outro mais encrenqueiro, o outro paciente, o que torna tudo que parece diverso, muito harmônico entre eles.

Mas, o que os unia verdadeiramente era o jogo, o hábito de jogar na casa de Valico faz com que a espera seja cômica e não trágica. Assim, a leveza toma o seu lugar no texto e cada personagem demonstra sua ingênua característica humana e cotidiana que faz com que a morte seja esquecida até o momento em que ela começa a *feder...* e a comichão aumenta. Por fim, o sono e a bebedeira faz com que eles durmam e percam o enterro que sai às seis da manhã com o raiar do dia. E o texto termina com um indiferente e indignado: foda-se.

É a falta de importância de um corpo, é a morte que já não serve para nada.

5 | CONCLUSÃO

Pretendemos deixar claro que esse artigo não tem a pretensão de ser completo, nem de reduzir a morte num só conceito, ou trazer verdades absolutas. Estamos falando em conceitos fluidos, em possibilidade de verdade, sobre um assunto inesgotável. A intenção, portanto, é aguçá-lo e deixar o campo aberto para a reflexão acerca dessa temática inerente a todos nós. Por meio de três terrenos literários aparentemente distintos entre si, um mesmo tema – complexo e permeado pelo tabu – se entrecruza nas diferentes formas estéticas de debruçar-se sobre si mesmo.

Vale ressaltar ainda a necessidade de um aporte filosófico para compreender a morte para além do que foi dado: enquanto desafio para se pensar em nosso próprio desaparecimento, em nossa memória, na banalização de nossos corpos que são tão cultuados, mas que possuem um odor decrépito e insuportável, mesmo para os que nos querem bem e que sentem falta de conviver conosco. Definitivamente, todos hão de convir que a morte não cheira bem.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. **Uma duas**. São Paulo: Leya, 2011.

FILHO, Wilton Barroso. **Elementos para uma epistemologia do romance**. In Colóquio: Filosofia e literatura, 2003, São Leopoldo. Unisinos.

_____, Wilton e BARROSO, Maria Veralice. **Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário**, 2015. Disponível em: <http://epistemologiadoromance.blogspot.com.br/p/artigos.html> , acesso: 09/04/2017

FUENTES, Carlos. **A morte de Artemio Cruz**. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HEGEL, Georg. **Curso de Estética vol. I**. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo:EDUSP, 2001.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. (1787) Tradução J. Rodrigues de Meringe. Versão eletrônica. Disponível em: <http://br.egroups.com/group/acropolis> Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia). Acesso em: 23/09/2016.

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**; tradução Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATTOS, Fernando Costa. A doença da civilização: Novos valores para combater o niilismo. **Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo, volume 4, p. 71-77, 2010.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**. Tradução, apresentação e notas de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp, 2003

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

